

Fatores relacionados à neutralização de róticos e à despalatalização de [tʃ] e [dʒ] em português por hispanofalantes

Pietra Da Ros*
Rosemari Lorenz Martins**
Lovani Volmer***

Resumo

O trabalho compreende o fluxo migratório de latino-americanos com destino ao Brasil e o português como língua adicional necessária para a inserção social desse grupo, a fim de que haja comunicação com os nativos e, assim, a compreensão de direitos e deveres no país em que se encontram. Entende-se a aquisição fonológica da língua portuguesa como integrante do processo de aprendizagem da língua. Nessa perspectiva, com base na análise da leitura de um mesmo texto em língua portuguesa, este estudo tem como objetivo identificar e justificar a ocorrência de processos fonológicos distintos na produção comum de quatro imigrantes hispanofalantes: a neutralização de róticos e a despalatalização de /tʃ/ e /dʒ/, considerando as variáveis sociolinguísticas tempo de residência e tempo de estudos formais em Língua Portuguesa. As análises indicam que os processos são justificados por fatores diferentes:

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduada em Letras — Português e Inglês (Feevale) e mestranda em Letras — Linguística (PUCRS) como bolsista CAPES modalidade I. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2603-9750>.

** Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Especialista em Linguística do Texto, em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Neuropsicopedagogia clínica e institucional; Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Semiótica e Doutora em Letras. Coordenadora e professora permanente do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e professora do curso de Letras da Universidade Feevale. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0658-5508>.

*** Universidade Feevale. Especialista em Informática na Educação, em Psicopedagogia Clínica e Institucional, em Neuropsicopedagogia clínica e institucional e em Mentoria docente; Mestre em Letras e Doutora em Letras. Professora permanente do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social, professora nos cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Feevale, coordenadora dos cursos de Letras e Artes Visuais da Universidade Feevale. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3458-1005>.

a neutralização do R-forte foi inversamente proporcional ao tempo de residência dos falantes no Brasil, enquanto a despalatalização pode decorrer do tempo de estudos formais do falante em português brasileiro.

Palavras-chave: despalatalização; língua adicional; neutralização; processos fonológicos; róticos.

Factors related to the neutralization of rhotics and the depalatalization of [tʃ] and [dʒ] in portuguese by hispanospeakers

Abstract

This work comprehends the migratory flow of Latin Americans to Brazil and Portuguese as an additional language, necessary for the social insertion of this group, so that there is communication with the natives and the understanding of rights and duties in the country they are in. The phonological acquisition of the Portuguese language is understood as part of the process of learning the language. In this perspective, based on the analysis of the reading of the same text in Portuguese, this study aims to identify and justify the occurrence of distinct phonological processes in the common production of four Spanish-speaking immigrants: the neutralization of rhotics and the deplation of /tʃ/ and /dʒ/, considering the sociolinguistic variables residence time and length of formal studies in Portuguese. The analyses indicates that the processes are justified by different factors: the neutralization of the strong-R was inversely proportional

to the length of residence of the speakers in Brazil, while the deplatalization can result from the length of formal studies of the speaker in Brazilian Portuguese.

Keywords: depalatalization; additional language; neutralization; phonological processes; rhotics.

Recebido em: 25/04/2023 // Aceito em: 30/08/2023

Introdução

O movimento migratório com destino ao Brasil tem se intensificado na última década, como apontam dados do Observatório das Migrações Internacionais (Brasil, 2020), que identifica os maiores números de migrantes de longo termo no Brasil como latino-americanos — que têm, portanto, o espanhol como sua língua materna. Para esse grupo, torna-se essencial a aquisição/aprendizagem do português brasileiro (PB) por ser a língua majoritária e oficial do país, a fim de que seja possível haver comunicação plena com os indivíduos brasileiros e, assim, seja alcançada a conscientização sobre direitos e deveres nesse novo espaço e, ainda, para que seja possível alcançar mais oportunidades de trabalho e estudo, por exemplo.

Sendo o aprendizado da língua um fator relevante para a inserção pessoal dos migrantes, muitos buscam cursos do idioma após a chegada ao Brasil. Os desafios no processo de estudo da língua acontecem de diferentes maneiras, e os migrantes carregam as características de sua língua materna como bagagem. Assim, apesar da similaridade entre o português e o espanhol, línguas neolatinas, uma série de confusões pode ocorrer, desde o entendimento da noção de gênero de artigos definidos (como *el água* e “a água”) à identificação de falsos cognatos (como *apellido*, que nada tem a ver com “apelido”, pois significa “sobrenome”).

Falhas de comunicação também podem ocorrer devido a questões fonológicas: pela ausência do fonema /z/ no sistema consonantal da língua espanhola (Falcão, 2012), é comum haver, por parte de falantes de espanhol como língua materna, o processo fonológico chamado “dessonorização da fricativa”, em

que a consoante fricativa é produzida como surda (Othero, 2005). O processo, conforme Varella (2004), ocorre com os chamados “fonemas opostos”; nesse caso, /s, z/. Isso faz com que a palavra “zebra” seja produzida como [se'.bra], e, em casos como esse, o significado pode ser facilmente compreendido por brasileiros, mas também ocasiona a produção da palavra “azeite” como [a.'sei.tʃi], transcrição referente à palavra “aceite”, em português. Nesse segundo caso, é possível que haja dificuldade, em caso de ruído ou descontextualização por parte dos brasileiros, para a compreensão do significado do que é dito.

A consciência fonológica acerca dos sons da língua-alvo é, portanto, parte integrante do processo de aprendizagem da língua. Ressalta-se que as marcas da língua materna na produção oral da língua-alvo (popularmente chamadas de “sotaque”) carregam consigo a identidade e a origem do falante que as produz, não devendo ser, por isso, consideradas negativas, mas característica de diversidade.

Com base nessas considerações, a presente pesquisa¹ buscou analisar, na fala de quatro migrantes hispanofalantes provenientes de três diferentes países latino-americanos, a ocorrência de dois processos fonológicos aparentemente frequentes em escutas cotidianas e que, na percepção das autoras, de acordo com suas redes sociais de convívio, divergem da produção comum ao Vale do Sinos (RS), onde os participantes vivem no momento: a neutralização de róticos e a despalatalização de [tʃ] e [dʒ].

Além disso, houve a intenção de compreender quando/por que os processos ocorreriam, considerando as variáveis sociais tempo de residência no Brasil e tempo de estudos

¹ Esta pesquisa se trata de um recorte do trabalho de conclusão de curso da primeira autora (Da Ros, 2022), que identificou influências do espanhol no português brasileiro através da análise de se, quando e por que ocorreram os seguintes processos fonológicos: elevação e neutralização de vogais, neutralização de róticos, palatalização, despalatalização, não vocalização de líquida não lateral /l/ e dessonorização da fricativa /z/.

formais em Língua Portuguesa de cada falante. Para tanto, foram considerados os sistemas fonológicos consonantais do espanhol e do português brasileiro a partir de Falcão (2012) e Bechara (2015, p. 54), respectivamente, com o entendimento de que não há interferências, senão influências de um idioma no outro, e que percebê-las permite uma contribuição mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Robles (2016, p. 33), “ao ser consciente sobre onde o aluno erra, o professor pode buscar as possíveis causas dos erros, procurando estratégias com a finalidade de eliminá-los”. Cabe destacar que esse recorte favorece a ideia de que diferentes processos fonológicos não resultam dos mesmos fatores e que a ideia de “erro”, defendida pelos autores citados, não corresponde à perspectiva das autoras, podendo ser lido, nesse momento, como a produção diferente da padrão.

As duas versões de estudo da análise contrastiva nomeiam-se “forte” e “fraca”. Para Wardhaugh (1970), a versão forte é equivocada por não comparar as produções dos falantes, enquanto a fraca observa o produto linguístico, na busca de justificar suas produções, e não as predizer. O presente artigo adota a segunda versão. A seguir, estão definidos os processos fonológicos relevantes para o estudo. Depois, são descritos os processos fonológicos abrangidos pela pesquisa, seguidos da metodologia adotada, dos resultados e das análises referentes à neutralização de róticos e à despalatalização. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências deste estudo.

Os processos fonológicos aqui destacados

Esta pesquisa tem como hipótese a presença de dois processos fonológicos na fala de hispanofalantes durante a leitura de um mesmo texto em português brasileiro. O primeiro dos processos diz respeito à neutralização dos róticos — variedade de sons referente ao grafema “R”. Martins (2015) afirma a complexidade do estudo acerca desses fonemas, uma vez que variações linguísticas revelam a pluralidade de produções existentes. Isto é: apesar de haver apenas dois fonemas róticos pela tradição estruturalista, as produções referentes a cada um são plurais, havendo, foneticamente, a produção de tepes, vibrantes, fricativos, retroflexos e aproximantes em diferentes contextos linguísticos. Dos fonemas, cita-se R-forte, como em “barro”, representado como /R/, e o r-fraco, identificado, neste trabalho, em tepe, como em “claro” e *pero* (“mas” em espanhol), de acordo com Câmara Jr. (1977), e *trill*, como em *perro* (“cão” em espanhol), considerando as ocorrências em língua espanhola. Na neutralização, ocorre a substituição do R-forte pelo r-fraco, e sua ocorrência pode gerar dificuldade de compreensão semântica quando, por exemplo, o falante produz “caro” em vez de “carro”.

A produção dos róticos foi destacada por Huback (2022), em artigo sobre o ensino da pronúncia em curso de português como língua estrangeira, com um ponto controverso, por causa das variações dialetais. A autora refere que escolher quais variáveis do *r* ensinar não é fácil, porque “[...] existem muitas possibilidades de realização fonética da letra *r* [...]” (Huback, 2022, p. 6). Para facilitar a aprendizagem, ela propõe adotar o sistema de róticos com os sons [h] e [r] indicado por Perini (2010), em contextos determinados: [h] fricativa glotal desvozeada em início de

palavra; no contexto RR; em coda medial; em coda final; depois de l, n, s; e o [r] tepe alveolar vozeado entre vogais e em encontro consonantal tautossilábico. Todavia, apesar da complexidade apresentada pela autora, nenhum dos livros didáticos usados em cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) analisados por ela aborda a pronúncia do *r*, o que indica que pode não estar sendo realizado um ensino da pronúncia dos fonemas róticos.

O segundo processo a ser analisado é a despatalização de [tʃ] e [dʒ], a qual consiste em produzir o equivalente a esses sons — os grafemas T e D — com os fonemas dentais /t/ e /d/, respectivamente. Bergo (1986, p. 70) define esse processo como um “fenômeno fonético de caráter individual ou regional, que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a ponta da língua na abóbada palatina ao proferir aquele som”. No Brasil, por exemplo, pode-se ouvir a palavra “tesoura” como ambos [tʃi.'zo.ra] e [te.'zow.ra].

O ensino da palatalização foi identificado por Huback (2022) em duas das obras que analisou. Em “Bom dia, Brasil” (Slade, 2012), não é apresentada uma explicação técnica para o processo, mas é indicada a palatalização de *t* e *d* antes de *i*. Contudo, não é mencionada a possibilidade de ocorrência do mesmo processo antes de *e*. Já o livro “Ponto de encontro: Portuguese as a world language” (Jouët-Pastré *et al.*, 2013) traz, segundo Huback (2022), além de uma explicação sobre a palatalização de *t* e *d* antes de *i*, a regra de redução do *e* e, ainda, apresenta uma comparação entre a produção de [tʃ] e com a produção do *ch* na palavra *cheese* (do inglês).

Este estudo, de origem sociofonética — termo cunhado originalmente por Deshaies-Lafontaine (1974) —, analisa as produções orais do grupo de pessoas selecionado. Segue-se também os princípios da sociolinguística variacionista defendidos por Labov (1972), aplicando-os à fala: é compreendido, nesse sentido, que fatores sociais distintos podem promover interações distintas por parte dos falantes.

Os processos citados previamente foram analisados em situações consideradas divergentes das da produção comum à região do Vale do Sinos (RS), sob a ótica das autoras, de acordo com suas redes sociais — pessoais e acadêmicas —, considerando que é a região onde vivem os migrantes que participaram da coleta de dados. No entanto, vale frisar que ambos os processos de neutralização e despalatalização, apesar de aparentemente menos comuns, ocorrem também por parte de falantes brasileiros por diversos fatores, como tratam Martins (2015) e Martins e Kolling (2013). A análise foi realizada considerando o sistema fonológico consonantal da língua espanhola de acordo com Quilis (1985), explicitado, na Figura 1, a seguir.

Figura 1 — Sistema fonológico consonantal do espanhol

	Bilabial		Labiodental		Dental		Interdental		Alveolar		Palatal		Velar	
	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.
Oclusiva	p	b			t	d							k	g
Fricativa			f				θ		s		ʃ	j	x	
Africada											tʃ			
Nasal		m								n		ɲ		
Lateral										l		ʎ		
Vibrante simple										r				
Vibrante múltiple										rr				

Fonte: Quilis (1985).

Entende-se, inicialmente, que: a) os róticos *tepe* e *trill* estão presentes no sistema fonológico consonantal do espanhol e b) também há os sons palatais; no entanto, não se relacionam com as sílabas TE, TI, DE e DI, como ocorre em português. As afirmações contribuem para a ideia inicial de influência do espanhol na aprendizagem do português brasileiro. A seguir está descrita a metodologia utilizada para a presente pesquisa.

Metodologia

Para a realização da pesquisa, foi selecionado o texto *A morte*, de Pedro Bial (Da Ros, 2022, p. 65), uma vez que o estudo integral também trata do português como língua de acolhimento² e a relação dos migrantes com o luto. Acrescenta-se que, conforme Grosso (2011, p. 68):

A língua de acolhimento ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de segunda língua. Para o público-adulto,

² O termo "Português como língua de acolhimento" refere-se não só ao ambiente de aprendizagem, mas à língua oficial do país que acolheu os participantes e na qual eles se expressam quando falam com brasileiros, conforme Grosso (2011, p. 68).

recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo.

Os falantes não tinham consciência de que sua produção oral seria analisada em nível fonético-fonológico, e o conteúdo sensível do texto foi, também, uma estratégia distratora que os permitiu ter como foco o sentido do texto, e não a pronúncia de cada palavra. A leitura foi gravada por celular em encontros individuais com cada falante. Posteriormente à seleção de leitura, cem ocorrências de róticos foram extraídas do texto, considerando como variáveis linguísticas a posição da sílaba em que se encontra o grafema R na palavra e sua tonicidade, o que é justificado pela ideia inicial das autoras de realizar uma pesquisa apenas sobre os sons róticos, que foi expandida posteriormente. Diz-se “ocorrências” considerando que o grafema pode aparecer de maneiras diferentes na mesma palavra, como em “rasteiro”, em que um está na sílaba inicial em posição pré-tônica, e outro, em sílaba final e posição pós-tônica. Foram desconsiderados casos em sílaba inicial pós-tônica e em sílaba final pré-tônica, por não existirem. Exemplos das variáveis consideradas para a seleção estão expostos e enumerados na Figura 2, que segue:

Figura 2 — Variáveis linguísticas e ocorrências

Exemplo	Sílabas	Tonicidade	Ocorrências
Ridículo	Inicial	Pré-tônico	20
Artéria	Inicial	Tônico	19
-	Inicial	Pós-tônico	0
Madrugadas	Medial	Pré-tônico	4
Durante	Medial	Tônico	9
Artéria	Medial	Pós-tônico	5
-	Final	Pré-tônico	0
Apagar	Final	Tônico	24
Disparo	Final	Pós-tônico	19

Fonte: Da Ros (2022, p. 28), com base em Martins (2013).

A partir dessa seleção, foram avaliados ambos os processos fonológicos em discussão — a neutralização de róticos e a despalatalização de [tʃ] e [dʒ]. Em relação à despalatalização, a análise partiu de quinze palavras com as sílabas TE, TI, DE ou DI presentes nas cem ocorrências iniciais. Importa ressaltar que, de todas as palavras selecionadas, houve quatro ocorrências de rótico não produzido, explicitadas na Figura 3, que segue:

Figura 3 — Róticos não produzidos

PALAVRA	FALANTE	PRODUÇÃO DO FALANTE	PRODUÇÃO COMUM À REGIÃO
Jantar	4	/ʒã.'ta/	/ʒã.'tar/ ou /ʒã.'ta/
Morrer	4	/mo.'uɐ/	/mo.'her/ ou /mo.'he/
Melhor	2	/'mei.o/	/'me.'kor/
Ordem	1	/'õ.dê/	/'or.dê/

Fonte: Da Ros (2022, p. 42).

Nos primeiros casos, referentes às palavras “jantar” e “morrer”, entende-se também comum à região a produção

realizada pela falante 4; no entanto, pela ausência de som rótico, não foi analisada nesse âmbito. Já as palavras “melhor” e “ordem” tiveram mais semelhança com as palavras “meio” e “onde”, sendo possivelmente um equívoco de leitura dos falantes 1 e 2.

Em relação às variantes sociais, houve a intenção de verificar “se” e “quando” os fatores “tempo de residência no Brasil” e “tempo de estudos em língua portuguesa” seriam influenciadores da produção dos processos fonológicos testados. Essas informações encontram-se na Figura 4, bem como sexo e idade dos quatro falantes. Os indivíduos foram alcançados por meio da rede de contatos da primeira autora, que atuou como professora de português para refugiados e migrantes como bolsista e voluntária durante a graduação.

Figura 4 — Perfis dos informantes

INFORMANTE	IDADE	SEXO	PAÍS DE ORIGEM	TEMPO NO BRASIL	ESCOLARIDADE
1	42	Feminino	Venezuela	2 anos	Concluiu o técnico em Educação Pré-Escolar, equivalente ao Magistério, na Venezuela.
2	45	Masculino	Argentina	20 anos	Graduado em Jornalismo/Comunicação Social (Argentina), graduado em Letras — Português/Espanhol (Brasil), e pós-graduado em tradução português-espanhol (Brasil).
3	44	Feminino	Colômbia	8 anos	Concluiu o Ensino Médio e a graduação em Artes Visuais na Colômbia. Fez mestrado e doutorado em Artes Visuais na Espanha. Atualmente cursa pós-doutorado no Brasil.
4	31	Feminino	Colômbia	4 anos	Concluiu o Ensino Médio na Colômbia.

Fonte: Da Ros (2022, p. 30).

Como exposto na Figura 4, o grupo de quatro falantes selecionado para a aplicação da pesquisa conta com quatro indivíduos adultos, nascidos em países hispanofalantes e residentes no Brasil. A presente pesquisa não abrange as variedades culturais dos países de origem dos migrantes — Colômbia, Argentina e Venezuela —, mas a língua espanhola de maneira integral. São fatores sociais relevantes para o estudo de caso: a) o tempo de residência no Brasil e b) o tempo de estudos formais em língua portuguesa.

Os informantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³, que permitiu a gravação de áudios enquanto liam o texto previamente selecionado. Esses áudios foram posteriormente analisados e as produções-alvo da pesquisa transcritas a partir de escuta atenta das autoras. Na sequência, estão as considerações sobre a neutralização de róticos.

Da neutralização de róticos

A análise dos áudios no que tange à produção de róticos considerou previamente as possibilidades de neutralização e de potencialização⁴. Há, na seleção de palavras, apenas sete que tiveram, na transcrição da fala posta como “comum à região”, o R-forte em sua composição, enquanto as demais são formadas por tepe. Uma vez que todas as palavras com r-fraco foram assim produzidas, concluiu-se que não houve potencialização (Martins, 2015); no entanto, o som referente ao r-fraco dividiu-se entre tepe e *trill*, ambos comuns na língua espanhola. A relação de variação entre tepe e *trill* consta na Figura 5, que segue:

³ Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número de aprovação 17579619.9.0000.5348.

⁴ Termo cunhado por Martins (2013) ao processo oposto à neutralização de róticos; isto é, quando há substituição de r-fraco por R-forte.

Figura 5 — Variações entre tepe e *trill*

PALAVRA	SÍLABA	TONICIDADE	FALANTE 1	FALANTE 2	FALANTE 3	FALANTE 4
perdeu	inicial	pré-tônica	TRILL	TRILL	TRILL	TEPE
termina	inicial	pré-tônica	TRILL	TRILL	TEPE	TEPE
corpo	inicial	tônica	TRILL	TEPE	TEPE	TRILL
freeway	inicial	tônica	TEPE	TEPE	TRILL	TEPE
frente	inicial	tônica	TRILL	TEPE	TRILL	TEPE
gordas	inicial	tônica	TEPE	TEPE	TRILL	TEPE
pronta	inicial	tônica	TEPE	TEPE	TRILL	TEPE
morte	inicial	tônica	TEPE	TEPE	TRILL	TEPE
eterno	medial	tônica	TRILL	TEPE	TEPE	TEPE
colocar	final	tônica	TEPE	TEPE	TRILL	TEPE
dar	final	tônica	TRILL	TEPE	TEPE	TEPE
despedir	final	tônica	TRILL	TEPE	TRILL	TEPE
jantar	final	tônica	TEPE	TEPE	TEPE	
melhor	final	tônica	TEPE		TEPE	TEPE
ouvir	final	tônica	TRILL	TEPE	TEPE	TEPE
vestibular	final	tônica	TRILL	TEPE	TRILL	TEPE

Fonte: Da Ros (2022, p. 43).

Duas hipóteses em relação à produção de róticos do PB por hispanofalantes seriam que a produção do r-fraco ocorreria com facilidade, bem como haveria variação entre *tepe* e *trill*, considerando as frequentes ocorrências que ambos os fonemas têm na língua espanhola. As marcações em vermelho dizem respeito aos róticos não produzidos, expostos na Figura 4. Assim, constatou-se que cerca de 1/3 das produções de r-fraco foram de *trill*, o que não foi mais explorado nesta pesquisa, sendo considerada uma manifestação arbitrária por não ter sido identificado correlato social ou linguístico que justificasse o percentual de ocorrências.

Já das sete palavras que tiveram o R-forte em sua transcrição referente à considerada produção comum à região, sete casos de

neutralização foram identificados e estão em destaque na Figura 6, que segue.

Figura 6 — Palavras com R-forte

PALAVRA	SÍLABA	TONICIDADE	FALANTE 1	FALANTE 2	FALANTE 3	FALANTE 4	COMUM À REGIÃO
Rateia	inicial	pré-tônico	/ʁa.'tei.ra/	/ha.'tei.a/	/ha.'tei.a/	/ra.'tei.a/	/ha.'tei.a/
Ridículo	inicial	pré-tônico	/ri.'di.ku.lo/	/yi.'di.ku.lo/	/ri.'di.ku.lo/	/ri.'di.ku.lo/	/hi.'dʒi.ku.lu /
Rua	inicial	tônico	/'ru.a/	/'ʁu.a/	/'ʁu.a/	/'ʁu.a/	/'hu.a/
Arrumar	medial	pré-tônico	/a.ru.'mar/	/a.ʁu.'mar/	/a.ʁu.'mar/	/a.ʁu.'mar/	/a.hu.'mar/
Morrer	final	tônico	/mo.'rer/	/mo.'yer/	/mo.'yer/	/mo.'ʁe/	/mo.'her/
Carro	final	pós-tônico	/'ka.ʁo/	/'ka.ʁo/	/'ka.ʁo/	/'ka.ʁo/	/'ka.ho/
Morre	final	pós-tônico	/'mo.ʁe/	/'mo.ʁe/	/'mo.ʁe/	/'mo.ʁe/	/'mo.he/

Fonte: Da Ros (2022, p. 44).

Por terem sido transcritas a partir de escuta atenta, as produções foram identificadas com diferentes símbolos relacionados ao R-forte, que pareceram se aproximar do que as autoras entenderam como comum à região, mas com certa variação quanto à guturalidade e vibração.

A Figura 6 direciona a um caminho relevante: apesar do número de falantes, uma curva percentual se destacou, indicando a relação entre o tempo de residência no Brasil e a ocorrência de neutralizações, como ilustra a Figura 7.

Figura 7 — Falantes e neutralizações

Falante	Tempo no Brasil	Percentual de neutralizações
1	2 anos	57%
4	4 anos	28,6%
3	8 anos	14,3%
2	20 anos	0%

Fonte: Da Ros (2022, p. 45).

O percentual de neutralizações foi, portanto, inversamente proporcional ao tempo de residência no Brasil, indicando a vivência como fator significativo para a aquisição do fonema relativo ao R-forte em relação ao grafema R. A partir dessa afirmação, entende-se possível a hipótese de que qualquer influência fonológica do espanhol em aprendizes de português brasileiro ocorra de maneira inversamente proporcional ao tempo de residência no país-alvo. Assim, de acordo com o objetivo da pesquisa, destaca-se que a neutralização de róticos do PB por parte dos informantes ocorreu quanto menor foi o tempo de residência no Brasil, sendo 0% a ocorrência de neutralização na leitura do falante que está no país há 20 anos. Justifica-se, assim, que o processo ocorre por conta da frequência de uso da língua em contexto de imersão. A fim de desmistificar essa compreensão inicial, seguem os resultados encontrados sobre a despallatalização de [tʃ] e [dʒ].

Da despallatalização de [tʃ] e [dʒ]

Das cem palavras iniciais das quais partiram as análises de todos os processos fonológicos, quinze possuíam TE, TI, DE ou DI. Uma nova escuta atenta ocorreu por parte das autoras ao

analisarem os áudios de todos os falantes, buscando identificar possíveis casos de palatalização ou despalatalização. O primeiro processo fonológico foi produzido apenas em uma palavra: *decidir*, como está exposto na Figura 8.

Figura 8 — Transcrição de *decidir*

PALAVRA	SÍLABA	TONICIDA DE	FALANTE 1	FALANTE 2	FALANTE 3	FALANTE 4	COMUM À REGIÃO
<i>decidir</i>	inicial	pré-tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/d/	/d/

Fonte: Da Ros (2022, p. 46).

Enquanto os falantes 1, 3 e 4 produziram o grafema D inicial como [d], considerado pelas autoras como fonema adequado à produção comum à região, o falante 2 o produziu como [ʒ]. Apesar da compreensão das autoras de que o grafema inicial D tem como produção mais comum o som expresso na Figura 8, ele pode assumir ambos os alofones [d] e [dʒ].

Cabe ressaltar que, como será exposto posteriormente, o falante 2 não produziu [dʒ] como referência a DE ou DI em momento algum. O fato pode ter sido causado por uma influência do espanhol no português, uma vez que, especialmente, no espanhol argentino, há carência de [dʒ], que não representa o grafema L em duplicidade, como ocorre em outros países (Chela-Flores, 1996, p. 7). Esse é o caso de palavras como *lluvia* (em português, chuva), e transcreve-se, portanto, como [ˈʒu]; tampouco o fonema tem relação com o grafema Y, como em *proyecto* (em português, projeto), em que aparece como [ʒ], ou ao dígrafo CH, como em *chaleco* (em português, colete), transcrito como [tʃa.ˈle.ko]. Assim, entende-se a produção da fricativa [ʒ] como sinal de que há o entendimento de um fonema diferente de /d/ para a situação e a tentativa do falante de reproduzi-lo.

As quatorze palavras restantes a serem analisadas podem ser lidas na Figura 9.

Figura 9 — Casos de despalatalização

PALAVRA	SÍLABA	TONICIDA DE	FALANTE 1	FALANTE 2	FALANTE 3	FALANTE 4	COMUM À REGIÃO
descansar	inicial	pré-tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/d/	/dʒ/
despedir	inicial	pré-tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/d/	/dʒ/
disparo	inicial	pré-tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/dʒ/	/dʒ/
dizer	inicial	pré-tônica	/d/	/ʒ/	/dʒ/	/dʒ/	/dʒ/
praticou	medial	pré-tônica	/t/	/tʃ/	/t/	/tʃ/	/tʃ/
autenticar	medial	pré-tônica	/t/	/tʃ/	/tʃ/	/t/	/tʃ/
ridículo	medial	tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/dʒ/	/dʒ/
decidir	final	tônica	/d/	/ʒ/	/dʒ/	/d/	/dʒ/
despedir	final	tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/d/	/dʒ/
curte	final	pós-tônica	/t/	/tʃ/	/t/	/tʃ/	/tʃ/
durante	final	pós-tônica	/t/	/tʃ/	/t/	/t/	/tʃ/
frente	final	pós-tônica	/t/	/tʃ/	/t/	/tʃ/	/tʃ/
pretende	final	pós-tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/dʒ/	/dʒ/
tarde	final	pós-tônica	/d/	/ʒ/	/d/	/d/	/dʒ/

Fonte: Da Ros (2022, p. 46).

Em todas as palavras listadas na Figura 9, houve despalatalização por parte de um ou mais dos falantes. Apesar da produção do falante 2 não possuir o som [d] esperado a partir da coluna de produção comum à região, a presença do som [ʒ] direciona para a ideia de que o migrante compreende que o grafema D, nesses casos, passa por um processo de palatalização nessas palavras, não sendo representado como [d]. Importa reiterar, neste momento, a percepção comum à região como aquela que, pela escuta atenta das autoras, ocorre com maior frequência em relação às demais, e que as despalatalizações de

[tʃ] e [dʒ] não devem ser julgadas como erradas ou inexistentes na língua portuguesa, uma vez que diversos fatores sócio-históricos influenciam na produção desses sons, como, por exemplo, os fluxos migratórios no período de colonização, que marcam a região Sul do Brasil com traços relevantes de diversas culturas, em especial, a alemã e a italiana, e repercutem na produção oral de falantes nativos até os dias atuais, tal como aponta Martins (2013).

As análises evidenciam que, enquanto a neutralização de róticos seguiu um padrão diretamente proporcional ao tempo de residência de cada falante no Brasil, o percentual de despalatalização apontou para outra variável social. Trata-se de um ponto relevante a ser tratado no que tange às pesquisas sociolinguísticas antigas e atuais, e deve ser destacado. A complexidade nos estudos de produção e percepção de fala se dá justamente pela pluralidade de possibilidades que motivam um ou outro processo fonológico, sendo esta uma razão crucial para a apresentação de influências tão diferentes relacionadas à leitura de grafemas distintos.

Quando analisados os casos de despalatalização, percebeu-se que não se tratava mais de uma só questão, que foi o tempo de residência no Brasil, mas também do tempo de estudos formais em Língua Portuguesa. Assim, aqueles falantes que tiveram mais tempo de estudos em LP produziram menos despalatalização, estando mais adequados ao padrão estabelecido pelas autoras como comum à região, como pode ser visto na Figura 10.

Figura 10 — Falantes e despatalização

FALANTE	PERCENTUAL DE DESPALATALIZAÇÃO	TEMPO DE ESTUDO DE LP	TEMPO NO BRASIL
1	100%	3 meses	2 anos
3	78,6%	3 meses	8 anos
4	50%	11 meses	4 anos
2	0%	7 anos	20 anos

Fonte: Da Ros (2022, p. 48).

No caso das falantes 1 e 3, que tiveram, em média, o mesmo período de tempo dedicado a estudos em cursos de língua portuguesa – 3 meses –, produziu menos casos de palatalização aquela que vive no Brasil há mais tempo. Destaca-se, assim, a relevância da aliança entre estudos formais e redes sociais/vida cotidiana no desenvolvimento da capacidade de discriminação de sons no que tange à palatalização. Todavia, com base nos estudos de Huback (2022), é possível concluir que muitos processos fonológicos, especificamente os dois analisados neste trabalho, não estejam recebendo muita atenção em cursos de português como língua estrangeira, já que não aparecem ou aparecem pouco em alguns dos manuais utilizados frequentemente nesses cursos. Além disso, destaca-se que há ainda pouca pesquisa sobre o tema.

Considerações finais

A fala é objeto de estudo fundamental para a compreensão de ocorrências em nível lexical, semântico e fonético-fonológico. Identificou-se, neste estudo, a partir do exposto, a ocorrência de dois processos fonológicos distintos na fala de quatro

hispanofalantes que residem no Brasil – a neutralização de róticos e a despalatalização de [tʃ] e [dʒ] –, e buscou-se analisar quando e por que ocorreriam esses processos.

Da produção de róticos, destaca-se que as produções equivalentes ao r-fraco variaram entre *tepe* e *trill*, ambos sons integrantes do sistema fonológico da língua espanhola, o que aponta para uma facilidade de produção do fonema, visto que não houve potencialização. A neutralização de róticos ocorreu na leitura de três entre os quatro migrantes, e sua ocorrência para cada um foi exposta de maneira percentual na seguinte escala: 57%, 28,6%, 14,3% e 0%, para o tempo de residência no Brasil de 2 anos, 4 anos, 8 anos e 20 anos, respectivamente. Assim, a neutralização parece ocorrer quando o tempo de residência é menor, comparativamente. Em suma, falantes com menos tempo de residência produziram mais neutralização, indicando uma correlação entre esses fatores, sendo a imersão, ligada à frequência de uso, a justificativa da diminuição de ocorrências para falantes que se mudaram há mais tempo. A semelhança entre o número de anos de moradia, 2, 4 e 8 (sempre o dobro do anterior), refletiu-se também nas porcentagens, uma vez que 28,6% é o dobro de 14,3% e, por sua vez, 57% assemelha-se a 28,6, que é o dobro do número 14,3. Essa possível arbitrariedade também pode ser parte de uma heterogeneidade ordenada; portanto, incentiva-se que pesquisadores que percebam esses padrões possam pesquisá-los no futuro.

A partir dessa afirmação, pode-se pensar, inicialmente, que o tempo de residência é o fator extralinguístico principal referente a influências do sistema fonológico do espanhol na aprendizagem do português brasileiro. No entanto, a análise referente à despalatalização apontou outro fator: nesse caso,

a ocorrência do processo foi diretamente proporcional ao tempo de estudos formais dos falantes em língua portuguesa, independentemente do seu tempo de residência no Brasil, que foi fator determinante somente quando duas das falantes haviam tido 3 meses de curso de língua portuguesa. Nesse caso, o tempo de residência foi critério de desempate, e a que está há mais tempo no país produziu mais sons de acordo com o que foi tido como a produção comum à região. Dessa maneira, afirma-se que a despalatalização ocorre quando há menos tempo de estudos formais em língua portuguesa e é sugerido que o motivo seja a necessidade de instrução explícita dessa produção, indicando ser um aspecto que requer atenção por parte do professor de PB.

Os resultados apontam a necessidade da continuidade de estudos sociolinguísticos para a identificação de fatores determinantes para produção e pronúncia, uma vez que não foram encontrados estudos referentes à produção de róticos e da despalatalização na fala em português brasileiro de falantes do espanhol. Ademais, a produção dos róticos, que é bastante complexa em português, nem ao menos aparece em manuais usados com frequência para o ensino de PLE, e a palatalização foi identificada apenas em duas obras analisadas por Huback (2022). Isso parece indicar que esses processos fonológicos ainda não foram muito identificados ou foram pouco estudados.

Sendo assim, em relação à fala de migrantes, sugere-se a aplicação desses estudos no planejamento de aulas de português como língua adicional, promovendo o desenvolvimento de estratégias de ensino de língua portuguesa para esse público-alvo, considerando, a exemplo, promover orientação articulatória e atenção à relação grafema-fonema de *t* e *d* e da palatalização dos segmentos. Ainda, destaca-se a necessidade de mais pesquisas

sobre o assunto, ao que se mostra relevante considerar variáveis sociolinguísticas que, como foi o caso de ensino formal na língua e tempo de residência para este estudo, podem ter influência na produção da língua-alvo.

Referências

BECHARA, Evanildo. Uma visão tranquila e científica do novo Acordo Ortográfico. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 281-292, 2015.

BERGO, Vítório. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Observatório das Migrações Internacionais. *Relatório anual 2020*. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf. Acesso em: 24 jun. 2022.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CHELA-FLORES, Godsuno. La evolución fonológica del español: algunos problemas y posibles soluciones. *Lengua y Habla*, v. 1, n. 2, p. 20-31, 1996.

DA ROS, Pietra. *Influências interlinguísticas do espanhol no português brasileiro em contexto de PLAC*. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras – Português/Inglês) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2022.

DESHAIES-LAFONTAINE, Denise. *A socio-phonetic study of a Québec French community: Trois-Rivières*. 1974. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Phonetics, University College London, London, 1974.

FALCÃO, Carla Aguiar. O ensino da pronúncia do espanhol na educação à distância: uma proposta didática. *In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal. *Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, 2012, v. único.

HUBACK, Ana Paula. Variação linguística e pronúncia em cursos elementares de português como língua estrangeira. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 66, 2022.

JUËT-PASTRÉ, Clémence de *et al.* *Ponto de Encontro: Portuguese as a world language*. Pearson: Upper Saddle River, 2013.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARTINS, Rosemari Lorenz. *Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do Português e do Hunsrückisch: consoantes oclusivas, fricativas e róticas*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MARTINS, Rosemari Lorenz. Influências interlinguísticas do Hunsrückisch na escrita em Português Brasileiro por crianças bilíngues do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental da cidade de Morro Reuter/RS. *Organon*, Porto Alegre, v. 30, n. 58, p. 109-125, jan./jun. 2015.

MARTINS, Rosemari Lorenz.; KOLLING, Fabiane. A produção das vibrantes na educação infantil: estudo de caso. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 2, n. 21, out. 2013.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. *ReVEL*, v. 3, n. 5, 2005.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

QUILIS, Antonio. *El comentario fonológico y fonético de textos: teoría y práctica*. Arco Libros, 1985.

ROBLES, Ana María Del Pilar Altamirano. *Interferências linguísticas e interlíngua: a aprendizagem de Português Língua Estrangeira por peruanos hispanofalantes*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, Araraquara, 2016.

SLADE, Rejane de Oliveira. *Bom dia, Brasil!:* Português básico para estrangeiros. New Haven: Yale University Press, 2012.

VARELLA, Noely Klein. *Leitura e escrita: temas para reflexão*. Porto Alegre: Premier, 2004.

WARDHAUGH, Ronald. The contrastive analysis hypothesis. *TESOL Quarterly*, v. 4, n.2, p. 123-130, June 1970.